Biopolíticas da aparência

Biopolitics of appearance

Cristiane Mesquita é doutoranda em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas - PUC-SP. Atua como pesquisadora, professora, jornalista e consultora de projetos criativos e acadêmicos. Coordena a pós-graduação em *Criação de imagem e styling de moda* no SENAC São Paulo e trabalha junto à instituições como o Museu de Arte Moderna MAM/SP, a Universidade Anhembi Morumbi e a Faculdade Santa Marcelina.

Resumo: Este artigo se propõe a investigar alguns aspectos da rede de forças que produz as políticas de constituição da aparência na subjetividade contemporânea. O conceito de "biopolítica", fundado por Michel Foucault, é nosso pano de fundo para uma análise de vetores que promovem o superinvestimento nesta dimensão, o que nos possibilita pensar numa *estetização* do biológico.
Palavras-chave: biopolítica, aparência, moda

Abstract: This article aims to investigate some aspects of the forces network that produce the appearance policies in contemporary subjectivity. The concept of "biopolitic", founded by Michel Foucault, is our backdrop to a vectors analysis that promote an overinvestiment in this dimension, which enables us to think about an *aesthetical* of biological.
Keywords: biopolitic, appearance, fashion

Breves considerações para uma análise de relações estratégicas de poder

A concepção de poder de Michel Foucault, gerada por seus estudos sobre a loucura, a sexualidade e o sistema penal, é fundadora de um modo singular de perceber as políticas corporais. Para uma distinção entre os "estados de dominação" e as "relações estratégicas de poder" assim como para uma análise das últimas, Foucault aponta algumas "precauções metodológicas", elas próprias esclarecedoras de sua proposição. Primeiramente, a idéia é captar os poderes em suas ramificações capilares: aquelas que ultrapassam as regras

institucionalizadas ou jurídicas e se engendram em práticas locais e individuais. O segundo ponto é o investimento do poder em "práticas reais" e "instâncias materiais": "em outras palavras, ao invés de perguntar como o soberano aparece no topo, tentar saber como foram constituídos, pouco a pouco, progressivamente, realmente e materialmente os súditos, a partir da multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos, etc."[1] O indivíduo, considerado "corpo, gestos, discursos e desejos"[2], já seria, em sua constituição como sujeito, marca dos efeitos de poder. A terceira precaução diz respeito à circulação e ao funcionamento em rede. Não há um fenômeno de dominação ou localização específicas, mas sim ações, transmissões e recepções contínuas. Nesse sentido, caminha a quarta colocação, que se remete à importância de previlegiar uma análise infinitesimal, em contraposição a uma percepção global do poder. A última indicação faz jus à idéia de que o poder estratégico se constrói a partir de saberes e não de ideologias, assim como se constituíram as grandes máquinas de poder, ou seja, os agentes que constituem corpos e sujeitos são instrumentos e aparelhos de saber. Foucault ressalta que, enquanto os estados de dominação são caracterizados pela estabilização e pela assimetria, as relações estratégicas são marcadas pela fluidez e a reversibilidade: "são jogos de poder infinitesimais, móveis, reversíveis, instáveis" que não possuem necessariamente nenhuma conotação negativa. A noção de "rede produtiva" – e não de repressão - é fundante do diagrama de poder que privilegia as estratégias: "ele não pesa só como uma força que diz não (…) ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso" e funciona numa dinâmica de circulação "ao mesmo tempo contínua, initerrupta, adaptada e 'individualizada' em todo o corpo social". [3]

"O corpo é uma realidade biopolítica"[4], afirmou Foucault sobre a socialização do corpo biológico e suas relações com a medicina atravessadas pelo sistema capitalista, a partir do século XVIII[5]. Ainda sob a tutela dos controles disciplinares, desde então, o assujeitamento dos corpos se dará não apenas pelos diversos enquadramentos institucionais,

1 Foucault, 1979, p.183.

2 Idem.

3 Ibidem, p.8.

4 No artigo denominado *Biopolítica*, Pelbart faz um traçado do conceito na obra de Michel Foucault proporcionando entrecruzamentos de diversos textos, enriquecedores para a compreensão do termo. Pelbart, 2003.

5 Foucault,1979, p.80.

mas também pelos procedimentos inseridos na economia estatal, assim como natalidade, longevidade, habitação, imigração, entre outros. A vida biológica e a saúde tornaram-se alvos de um poder sobre a vida, num processo denominado pelo autor de "estatização do biológico"[6]. Nos cursos do Collége de France, ministrados entre 1970 e 1982, Foucault examina o que chamou de "governo dos vivos" e enfatiza "a maneira como os problemas específicos da vida e da população foram colocados no interior de uma tecnologia de governo".[7] As políticas de saúde adotadas nesse período assumem posturas em prol de um "fazer viver", diferentemente do "fazer morrer", característico do regime soberano, historicamente localizado no século XVII. Tal deslocamento, traz à tona o chamado "biopoder": uma espécie de lógica controladora da vida, que se utiliza de operadores assim como o aprimoramento, o adestramento, a transformação e a manipulação dos corpos, de modo a manter os homens enquanto seres viventes sob sutil controle.

Foucault afirma, em uma de suas entrevistas a Roger Pol-Droit, que se esforça em "desfazer a armadilha de pensar o poder como um conjunto de mecanismos de negação", de recusa, de exclusão, no sentido de reforçar a idéia de que tais dispositivos, vão, necessariamente, se cruzar com a produção de individualidade, vão produzir a "identidade individual".[8] Na medida em que cada indivíduo – agora em maior grau do que a massa informe da população – é alvo de investimento de poder, vários desses mecanismos vão atuar como constitutivos da produção de subjetividade individual. Roberto Machado, tradutor de Foucault e organizador dos escritos que integram o título *Microfísica do Poder* sintetiza essa idéia na apresentação do livro: "a ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história essa figura singular, individualizada – o homem – como produção do poder."[9] Nesse sentido, Machado novamente contribui, sintetizando a idéia de que o poder não necessariamente se origina numa instância superior e não atua no exterior: "trabalha no corpo dos homens, manipula seus elementos, produz

6 Foucault, 2000, p. 286.

7 Foucault, 1997, p.96.

8 Pol-Droit, 2004, p.84.

9 Foucault, 1979, p.XX.

seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista".[10]

Lazzarato também colabora para ressaltar dois pontos da concepção foucaultiana que particularmente nos interessam, por explicitar os interstícios cotidianos, individuais e microfísicos. Primeiramente, reforça que os jogos de poder se exercem entre indivíduos "no seio de uma família, de uma relação pedagógica, comunicacional, amorosa etc."[11], ou seja, aponta para o cenário comum, no qual esta rede infinitesimal se processa. Em segundo lugar, nos chama atenção para uma desconexão entre as relações de poder e as categorias jurídicas, que assim se apresentam fluidas e "abertas à experimentação das subjetivações que escapam ao poder da dominação", terminando por governar as relações consigo mesmo e as relações com os outros. Este ponto enfatiza uma característica do capitalismo contemporâneo, no qual é impossível pensar a economia – e as relações pessoais e coletivas - sem pressupor o marketing, a publicidade e a opinião pública.

A colocação de Lazzarato dialoga com Deleuze que faz ressoar o pensamento de Foucault sobre as estratégias de poder em nosso contemporâneo. Seu texto "Sobre as sociedades de controle" trata da substituição do modelo disciplinar - fundado sobre as distinções institucionais - pela imagem de uma rede de modulações contínuas.[12] O que nos interessa neste momento, é que, nas sociedades de controle, ocorrem, entre outros movimentos, um deslizamento do modelo predominantemente institucional para um formato no qual vai sobressair o modelo de "empresa" - forma que invade e modifica o funcionamento disciplinar, anteriormente abarcado pela esfera pública. É nesse contexto que Deleuze propõe considerar o marketing como um instrumento de controle social[13]. Num momento histórico que deixa longe as distinções entre o público e o particular ou entre o estatal e privado, este fator colabora para ressaltar o âmbito do mercado como constituinte fundamental das redes de poder. O diagrama das empresas explicita poderes, em geral, mais avançados, corajosos, e invasivos do que o próprio poder público. As

10 Ibidem, p.XVII.

11 Lazzarato, *in* Lins e Pelbart, 2004, p. 11.

12 Deleuze, 1992, p.221.

13 Ibidem, p.224.

grandes corporações – parte delas ligadas à indústria do vestuário e da moda - se configuram, ao longo do século XX, como grandes centros de decisões, capazes de afetar os modos de vida de grande parte de uma população. Assim sendo, o biopoder se lança não apenas nos modos de fazer viver o corpo dentro dos modelos de saúde vigentes em cada época, mas também de experienciá-lo, de apresentá-lo, de inventá-lo como configuração e expressão de si.

Corpo-aparência e sensação de si

É ao longo do século XX que o corpo passa a funcionar como um dos mais férteis cenários da materialização dos cruzamentos entre a ciência, a tecnologia, o design, a moda, as artes e inúmeros outros setores produtivos, cujas políticas e economias são atravessadas por investimentos tão complexos quanto simplificadores de sua natureza orgânica e biológica. Especialmente a partir dos anos 1950, o corpo vive e participa de um momento histórico no qual se apresenta como portador-vetor-expositor dos mais intensos paradoxos contemporâneos e se mostra tão fortalecido quanto fragilizado, tão famoso quanto esquecido, tão exposto quanto blindado, tão visível quanto inexpressivo. Se Costa nos chama atenção para o fato do corpo ser tão "onipotente" quanto "impotente"[14], Sant'Anna evoca a imagem de um corpo que "reina e padece por toda parte"[15], ambos nos remetendo justamente aos intensos paradoxos que residem na dimensão corporal de fronteiras flexibilizadas e aberturas multiplicadas aos mais diversos tipos de ação, intervenção, reconstrução, resignificação e remanejamento.

Uma importante variável para referenciar os vetores que se ligam aos processos de subjetivação em diferentes períodos históricos estaria relacionada às crenças que fundamentam as valorações e concepções do que está sendo percebido como "felicidade": "sempre que pensamos no sujeito, assumimos que ele age, pensa e sente de modo a aspirar à felicidade. O pressuposto da busca da felicidade é o que torna as condutas valorativas do

14 Costa, 2004, p.196.

15Sant'Anna, Denise Bernuzzi de, em entrevista para a Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, realizada por Marta Kanashiro. Disponível em http://www.portaldoenvelhecimento.net/entrevistas/entrevistas57.htm Acesso em 27/06/2007.

sujeito inteligíveis, ou seja, condutas que podemos "compreender" e, por conseguinte, aprovar, desaprovar, retificar, aperfeiçoar, criticar etc."[16] O atrelar da felicidade à dimensão física envolve o privilégio do prazer sensorial e a importância conferida à conquista - ou sensação de conquista - de um corpo "perfeito". Um breve trajeto histórico pelos diferentes verbos que definem a sensação identitária nos permite visualizar a ancoragem das idéias que giram em torno das significações para a "felicidade" e o modo como o corpo vai sendo percebido. Ao longo de séculos de história ocidental, na qual a definição de sujeito oscilou entre a forma reconhecida por meio daquilo "que se faz" ou pela interioridade moral ou sentimental "o 'sinto logo sou' destitui o 'penso logo sou', o 'lembro logo sou', e *last but not least*, o 'ajo logo sou'."[17] O "apareço, logo sou" se vez visível como uma alteração fundamental nos modos de percepção subjetiva. Isento de um necessário intervalo entre algumas conjugações verbais relativas ao corpo e a sensação de existir, a concentração de investimentos para a busca de prazer e realização se foca muito mais frequentemente ali, nessa espécie de objeto "dócil"[18], campo de fácil acesso e pleno de possibilidades.

No entanto, observamos que, com a consolidação do eixo do corpo-aparência-existência como terreno de de constituição de lugares objetivos e subjetivos, alguns setores produtivos puderam intensificar seus movimentos dirigidos à produção, viabilização promoção e comércio de mercadorias e serviços que possam garantir a gestão do projeto cotidiano do design de si. Este gerenciamento inclui serviços referentes à ciência, à medicina, às indústrias de cosméticos e às diversas empresas de confecção de vestuário e acessórios, integrantes do sistema da moda: principais vetores de ação na dimensão corporal, são produzidos, divulgados e comercializados como significantes diretos da produção subjetiva. Ciente do papel das aparências, a moda se ocupa em suprir o mercado com produtos, cuja conexão com experiências e sensações, possam favorecer o corpo-aparência como *locus* subjetivo. Para tanto, promove um hiperinvestimento neste terreno, multiplica as possibilidades de intervenções corporais e reforça as ligações da aparência com a expressão subjetiva, por meio de campanhas de comunicação e marketing, entre

16 Costa, Jurandir Freire. A subjetividade exterior. Disponível em: http://www.jfreirecosta.com/subjetividade.html. Acesso em: 01/08/2006.

17 Costa, 2004, p105. Grifo e aspas do autor.

18 Michel Foucault analisa os "corpos dóceis" na terceira parte do livro no qual se dedica às instituições dedicadas ao aprisionamento. Foucault, 2004.

outras apresentações ao público. Até mesmo uma espécie de *dimensão biográfica* tem estado disponível no mercado, para suprir uma subjetividade sedenta por elementos que favoreçam sua configuração, até mesmo nas bases históricas.

Com esse mote, são elaborados, por exemplo, os discursos para a comunicação de produtos que carreguem a bandeira da individualidade ou estimulem a sensação de exclusividade. Os produtos customizados – criados ou transformados a partir das necessidades ou preferências individuais de cada consumidor - dominaram grande parte do comércio de roupas e acessórios, a partir dos anos 1990. Este tipo de ação não é novidade na história da moda, uma vez que a própria Alta Costura, nascida no século XIX, tem como princípio básico a personalização e exclusividade do produto. Entretanto, o que se apresenta como diferencial numa sensibilidade sedenta pela customização, parece se localizar no valor simbólico, ora conferido à exclusividade: ainda que os produtos sejam feitos em série, o que vale é a sensação. Algumas grandes marcas chamam de customização, a mera escolha do cliente sobre o local onde serão costurados os bolsos traseiros de uma calça jeans, de modo a facilitar o ato de ancançá-los com as mãos[19], combinando a ilusão de originalidade e o sentimento de participação no processo de desenvolvimento do produto.

Algumas *memórias* também são inventadas e materializadas em tecidos, a partir do uso de técnicas de envelhecimento que resultam em produtos novos, porém, "rasgados, desbotados, lixados, desfiados, manchados, ralados".[20] Tonalidades que indicam diferentes graus de envelhecimento podem variar de acordo com a concentração dos produtos e tempo de lavagem. Pistolas com jatos de areia e quartzo, pedras pomes, grande quantidade de água, maquinário de alta tecnologia e mão de obra de baixo custo são os agentes que imprimem o tempo no tecido, simulando o uso e a ação de um corpo que nunca vestiu as roupas novas expostas nas vitrines que agradam, principalmente, por terem um *passado.* Histórias reais custam mais caro, assim como revela o artigo sobre a explosão de venda de calças jeans usadas - chamadas *vintage* - na Europa e nos Estados Unidos: "velhas calças jeans são pintadas, esburacadas, borrifadas com sprays, queimadas com chamas especiais

---

19Barros, Silvia in *Customização: criatividade enlatada.* Disponível em http://www2.uol.com.br/modabrasil/tendencias_new/customizacao/index2.htm (acesso em 24/05/2008).

20 Tagliabue, John in *Os novos lucros da velha calça jeans.* Reportagem publicada em 7 agosto de 2006 (acesso em 24/05/2008).

ou mesmo grafitadas a mão. Acabamentos e detalhes luxuosos podem elevar para US$ 1 mil o preço de uma calça."[21]

Na mesma direção, com maior ou menor grau de sofisticação, há exemplos de trabalhos de pesquisa e desenvolvimento de coleções, geradoras de produtos que pareçam incorporar determinadas *experiências de vida*. Inspirações temáticas que definem tecidos modelagens e estamparias específicas, são utilizadas para que roupas possam remeter a determinadas *vivências*, muitas delas historicamente conhecidas. O movimento de Maio de 68, por exemplo, foi o tema principal da coleção do designer Mario Queiroz para o verão de 2006, e da marca paranaense *Croqui*[22], no ano de 2007. A jornalista Carolina Vasone descreve a apresentação do estilista, comenta: "na passarela, cartazes pregados em pilares trazem fotos de manifestantes na Paris de 1968. A imagem se transformará na principal estampa da coleção. (…) Alguns modelos desfilam cartazes com dizeres como "Contestar é preciso" ou "À margem da margem". No final da apresentação, os modelos se aglomeram como uma massa de protesto que, ao comando de Mario Queiroz, avança em direção aos fotógrafos para encerrar o desfile."[23] A intenção de convocar um consumidor identificado com as inquietações do movimento e o apelo para o reviver de uma sensibilidade contestadora são atravessados pelas possibilidades de fabricação de experiências de vida, passíveis de ser simuladas e atualizadas na subjetividade, a partir da constituição da aparência.

Apontamentos sobre a moral da estetização do biológico

Vale lembrar que, em diferentes momentos históricos, nos quais as variáveis constituintes da "sensação de si" estiveram deslocadas da dimensão física, o corpo esteve praticamente excluído do processo de constituição subjetiva. Se outras configurações da

---

21 Disponível em http://www.icarobrasil.com.br/anteriores/edanterior/202/202modahomem.htm (acesso em 29/05/07).

22 *Croqui se inspira em Maio de 68 e coloca história na passarela*. Reportagem publicada em 24-04-2007. Disponível em http://www.paranashop.com.br/colunas/colunas_notas.php?id=10246 (acesso em 29/05/07).

23 Vasone, Carolina in *Mario Queiroz traz as ruas para a passarela em desfile-protesto*. Reportagem publicada em 28/06/2005. Disponível em http://estilo.uol.com.br/moda/spfw/ultnot/2005/06/28/ult2993u23.jhtm (acesso em 22/05/2008).

subjetividade já produziram, até mesmo, um certo menosprezo pelo corpo[24], o inverso se estampa como vetor do nosso contemporâneo, configurando uma evidente corpolatria, capaz de transformar os modos de relação a si. Vale portanto retomar Costa, quando nos lembra que a participação do corpo na formação da sensação de identidade se modifica profundamente no contexto da "moral do espetáculo"[25]. Esta moral, além apontar o crescimento avassalador do papel social da mídia no sentido de pautar, reordenar e intermediar os referenciais daquilo que seria um "modo de vida ideal", também faz com que se criem poderosas conexões entre o sucesso social e certos atributos físicos, avalisando portanto, um priviégio da fisicalidade e um desvio da atenção da vida sentimental para a vida física.[26]

Nesse sentido, a concepção de "bioascese", renovada por Ortega é pertinente para seguirmos com nossa análise. Ele nos chama a atenção para uma nova moral que estrutura as práticas individuais de saúde, no sentido de dirigí-las ao "objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude etc."[27] São aspectos centrados no corpo, que, entretanto, não estão envolvidos apenas com a dimensão do não adoecer, mas, principalmente, com as dimensões da qualidade de vida e da aparência. Para tanto, afirma o autor, "as práticas ascéticas implicam em processos de subjetivação", o que dialoga com a idéia do "cuidado de si" como um vetor importante na construção das identidades, denominadas pelo autor como bioidentidades.

Neste contexto, no qual proliferam os discursos sobre a autonomia do gerenciamento de si e sobre as inúmeras opções disponíveis, é necessário refletir sobre uma espécie de tranfiguração: alguns direitos adquiridos acabam por aproximar-se da imposição

---

24 Na Antiguidade Clássica o corpo estava a serviço da ação; na Modernidade, era encarado como uma reserva de instintos a serem domados, em prol da evolução sentimental. Costa, 2004, p.205.

25 Neste momento, Costa faz referências ao pensador Guy Debord (*A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro : Contraponto, 2005) que aponta como dilema contemporâneo não mais a escolha entre "ser" e "ter", mas entre "ser" e "parecer", afirmando a condição de um sujeito-espectador passivo de um mundo de aparências e da vida plena de entretenimentos. Costa, 2004, p.227-235.

26 Ibidem, p.166.

27 Ortega, Francisco - *Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt in* Interface: Comunic., Saúde, Educ., v.8, n.14, p.9-20, set.2003-fev.2004, p.14. Disponível em www.interface.org.br/revista14/ensaio1.pdf . Acesso em 05/03/2007.

de deveres. Afinal, a "gestão da imagem pessoal"[28] se torna um modo de apresentação e comunicação de informações subjetivas de imensa relevância, capazes de tornar o gerenciamento da aparência uma espécie de "dever" dos cidadãos. Determinados setores de funcionamento social, muitos dos campos que definem inserções políticas, profissionais, culturais e artísticas, não toleram a invisibilidade, o anonimato, a ausência da *melhor imagem*, que se pauta pela demonstração de investimento no cuidado de si, na constituição da aparência e na capacidade para se manter em exposição.

A gestão aparência confere ao indivíduo grande responsabilidade sobre os cuidados, definindo uma condição menor àqueles que não se dispõem a este investimento. Alguns "desvios de comportamento", são brevemente apresentados por Costa e mapeados a partir da noção de estultícia: "a inépcia, a incompetência para exercer a vontade no domínio do corpo e da mente, segundo os preceitos da qualidade de vida."[29] O desviante dos tempos da personalidade somática pode variar a partir do tipo de desinvestimento – ou investimento inadequado – na dimensão corporal. Nessa perspectiva, teríamos os dependentes ou adictos; os desregulados; os inibidos; os estressados; e, no plano da aparência, os deformados. Os estultos deformados são aqueles que se desviam da rota de uma bioascese, permanecendo, por exemplo, obesos, manchados, envelhecidos, mal cuidados. Eles guardam distância - seja por opção, falta de informação ou de condição financeira, mas, especialmente por falta de força de vontade – dos tratamentos estéticos, maratonas de exercícios físicos, implantes ou lipoaspirações, entre outros procedimentos disponíveis para a "cura" dos desvios.

Paralelamente à concretude física dos "desvios" mencionados, a dimensão de ação do sujeito sobre sua própria aparência também delineia os deslizes de uma moral estimuladora das ligações subjetivas com a composição de si. No diagrama de forças que produz as políticas da aparência, alguns dos desvios se localizam, particularmente, naquilo mesmo que produz um certo grau de liberdade: *se inventar*, *se expressar* e *se modificar*. As ações aparentemente pautadas por um livre arbítrio, no entanto, se tornam necessidades. A supervalorização da autonomia na criação da imagem pessoal confere ao indivíduo a

---

28 Ewen explora a idéia do gerenciamento da imagem pessoal como uma necessidade para atuações em áreas como o comércio, a política e nas relações interpessoais. Ewen, 1999, p. 259.

29 Costa, 2004, p.195.

responsabilidade sobre esses cuidados, definindo uma certa desaprovação àqueles que, por motivos vários, não se dispõem a este investimento. Os incompetentes no gerenciamento da aparência demonstram fraqueza em dominar o corpo, inabilidade na detecção de ligações subjetivas expressas pelo vestir, além de uma certa ignorância dos códigos de comunicação implicados no *design* de si. Neste caso, vale ressaltar que a crença da criação e recriação de si a partir da experiência da constituição da aparência, é especialmente fértil como produtora de uma dimensão visível de repreensão e de sentimento de culpa, pois os "desvios" são necessariamente explícitos. Eles se localizam na dimensão da apresentação de si, se revelam no eu-aparência e são potentes geradores de sentimentos tais como insegurança, inadequação, tristeza e fracasso.

Assim sendo, as práticas ligadas à aparência se apresentam não apenas como exercícios de autonomia, mas também como modos de assujeitamento. A obediência se liga à crença de que uma *boa* aparência pode trazer vantagens e prazeres que superam possíveis incômodos, atribulações e gastos. A submissão a modelagens de roupas apertadas, aos saltos de sapatos instáveis e perigosos, ao uso próteses internas ou externas, às dores e riscos de cirurgias estéticas e aos preços praticados por grifes famosas, são exemplos comuns de possíveis variações no grau de relação entre a ação na dimensão corporal e sensações como segurança, sucesso ou felicidade.

Os aspectos apresentados em ressonância com a concepção de biopoder de Michel Foucault colaboram para a compreensão de vetores que permeiam a biopolítica da aparência. Concretizam-se os poderes de um mercado que intensifica o deslocamento da importância dos investimentos nas dimensões biológicas do corpo. Assim, enfatiza sua dimensão estética e localiza na aparência, uma espécie de componente fundamental para seu bom funcionamento, grande parte das vezes sobreposto, associado ou propositadamente conectado à dimensão da saúde, da qualidade de vida ou da sensação de bem estar, além da constituição subjetiva. O modo como essas vertentes incidem sobre a vida nos permite fazer uma derivação da expressão "estatização do biológico", para pensar em paralelo, uma *estetização do biológico*, de forma a ressaltar a ênfase na aparência que atravessa nosso contemporâneo.

Referências bibliográficas

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.* Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990.* Trad: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

EWEN, Stuart. *All consuming images: the politics of style in contemporary culture.* Basic Books, USA, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).* Trad: Andréa Daher. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976).* Trad: Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad: Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro, Editora Petrópolis: Vozes, 2004.

LAZZARATO, Maurizio. *Bárbaros e Civilizados* in Lins, Daniel e Pelbart, Peter Pál (Org). *Nietzsche e Deleuze: Bárbaros e Civilizados.* São Paulo, Editora Annablume, 2004.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital: ensaios de biopolítica.* São Paulo, Iluminuras, 2003.

POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: entrevistas*. Trad: Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. São Paulo, Edições Graal Ltda, 2004.